



Kelvina Donato diverte-se com os filhos Manoela e Heitor



Alex Faustino gostou da cenografia da caverna do Batman



Paula levou o filho Nicolas Seimetz, de 8 anos

Um mergulho no mundo

POP

O casal Nahma e Judah Lima reviveu a infância e a adolescência



Fernanda Mafra e a filha Maria Alice aprovaram a experiência e elogiaram a parte do Tom & Jerry e a do Batman

» RICARDO DAEHN

Instalada na área externa do ParkShopping, a Casa Warner — com reprodução de 16 ambientes que remetem a obras do mundo pop, habitado por heróis da DC, franquias do terror, como *Annabelle*, e ainda por populares séries do porte de *Game of thrones* e *Friends* — parece escancarada para a legião de fãs que circulam nas dependências.

Criada em 1923, pelo objetivo certo de quatro irmãos imigrantes que conquistaram Hollywood, a Warner Bros. criou uma identidade inegável junto à infância de milhares de fãs, com alcance global, pelos traços dos cartoons da Looney Tunes. E, na circulação dentro da Casa Warner, longo na entrada, vê-se o ponto de contato da magia, como entregou o pequeno Nicolas Seimetz, 8 anos, ao lado da mãe, a corretora Paula, 40. O menino tratava de desenhar numa prancheta cercada por personagens como *Pernalonga*, *Patolino* e *Papa-Léguas*.

“Nicolas está aqui há um tempão, desenhando. Ele observa e copia — é muito bom em desenho, desde uns quatro anos. É quase profissional com o interesse em proporção. Para mim, como adulta, acho que vou gostar da experiência com o trono de *Game of thrones* (vindo do exterior e disposto no final da exposição) — ele pode ser esteticamente feio, feito de metal e armas, nada valiosos, mas remete a poder. A série me conquistou por causa da moldagem e da minuciosa evolução dos personagens”, explicou Paula.

Puxar das memórias e do apelo emocional é a chave de acesso para o encantamento dos visitantes. “Há peças fabricadas na empresa 2a1 Cenografia, que detém a maior máquina 3D da América Latina. Os bonecos (da mostra) foram criados lá, mas com procedimentos e cenografia que passava pelo crivo de aprovação da Warner. O evento é inédito em Brasília e teve versões em São Paulo e no Rio de Janeiro (com acervo destruído em julho de 2024). A gente voltou a construir de novo, tudo do zero. Essa casa ficou linda, por ter mais espaços em relação aos três no Rio de Janeiro”, pontua o produtor Márcio da Silva Rosa.

“A experiência que mais me agradou foi a de ver os filhos (Angelina, 13, e Vinicius Filho, 11) entrando nas histórias dos filmes”, observou o cirurgião vascular Vinicius Pena, 48 anos. Ele não deixou de ter o prazer de cinéfilo aflorado. “Gostei de ver o funcionamento da capa da invisibilidade e de voltar, numa medida, de ser

Casa Warner, instalada em frente ao ParkShopping, reproduz 16 ambientes que remetem a obras do mundo pop, habitado por heróis da DC, franquias do terror, como *Annabelle*, e ainda por populares séries do porte de *Game of thrones* e *Friends*

Fotos: Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Angelina Pires, de 13 anos, curtiu mais a ala do terror

herói, com a entrada no cenário que reproduz parte dos tiroteios de *Matrix* (filme de 1999)”. Angelina e o irmão confirmaram a observação do produtor Márcio: “Por incrível que pareça, as crianças gostam mais da ala do terror. Noto que os pais parecem ter mais medo do que as crianças”.

Foi ao lado de um boneco grande do herói da DC Flash, que Vinicius Filho apontou o centro de maior interesse na mostra. “Peguei muitas referências desta parte que

mostra os heróis. Gosto do Flash porque ele pode ser até dos mais poderosos heróis, e nem saber”, resumiu. No segmento que explora tipos malignos como o Homem Torto e a bizarra Freira (associada a Valak, uma entidade), Angelina fez a festa. “Gosto dessa história de boneca amaldiçoada, ainda que eu não tenha visto os filmes de *Annabelle* (presente na série *Invocação do mal*). Só pude ver os trailers e algumas cenas, por não ter idade para ver

tudo”, disse a menina, em frente à réplica da boneca assassina.

Dois anos depois de passar por parques temáticos no exterior, o casal Nahma e Judah Lima, de 31 e 33 anos, reacendeu memórias. “Tudo aqui traz a cara da nossa infância e adolescência. A gente se vê muito dentro dos ambientes, dá uma nostalgia. Lá na parte que rememora *Tom e Jerry*, me vi na minha infância. Eu amo até hoje aqueles personagens, como gosto de *Harry*

Potter (bastante representado na imersiva exposição), que tem, numa das alas, a reprodução do jogo de quadribol. Achei bem legal isso de poder experimentar a vivência — não é só entrar, olhar e tirar foto”, comentou a analista, casada com o engenheiro de computação.

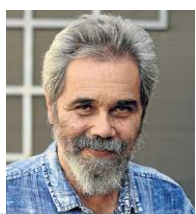
Tecnologia

O olhar para apetrechos tecnológicos puxou a atenção de Judah. “Tem a interação com os jogos, em que dá para escolher um dos personagens da *Liga da Justiça*. Curti o ambiente dedicado ao Batman e gostei da Fortaleza da Solidão do Superman. Observei o processo por trás das reproduções de ambientes, isso está na minha cabeça, por eu trabalhar com isso. Para quem não é da área de tecnologia, acho que tudo pode parecer mais mágico ainda”, comentou Judah. Ainda sem filhos, o casal tem a perspectiva de compartilhar as imagens e experiências com os futuros rebentos: “Por enquanto, é a gente que está no lugar das crianças, neste momento”, diverte-se Judah.

“Na idade deles, meus filhos (Manuela, 7 anos, e Heitor, 9) ainda não entendem o universo de algumas atrações. Tento sempre trazê-los para o lado mais lúdico, assistindo às versões kids dos filmes com temas mais pesados. Eles aproveitaram muito a primeira parte, mais presa aos desenhos tradicionais”, contou a enfermeira Kelvina Donato, 40 anos. “Gostei mais da Mulher-Maravilha (apresentada em réplica de tamanho bastante destacado)”, simplificou Manuela. O irmão, por sua vez, investia no contato inicial com o famoso chapéu seletor do mundo de *Harry Potter*, num portal de contato com o gosto da mãe, uma assumidíssima fã da narrativa do bruxinho. Casa Warner (montada no estacionamento do ParkShopping). Com visitação até 26 de julho. De quarta a sábado, das 11h às 21h e, aos domingos, das 12h às 20h. Valores das entradas variam entre R\$ 110 e R\$ 30 (com diferenças, a depender do dia e do horário).

CASA WARNER

Montada no estacionamento do ParkShopping. Com visitação até 26 de julho. De quarta a sábado, das 11h às 21h e, aos domingos, das 12h às 20h. Valores das entradas variam entre R\$ 110 e R\$ 30 (com diferenças, a depender do dia e do horário).



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

Neymar e a Seleção

Que me desculpem os entendidos, mas, como estamos em dramática contagem regressiva para a Copa do Mundo de Futebol, peço licença para dar as minhas caneladas sobre um tema candente no debate esportivo: a convocação ou não de Neymar para a Seleção Brasileira. Eu acho incrível como depois do que Neymar fez e deixou de fazer, alguns colegas da crônica esportiva ainda cogitem essa figura para vestir a amarelinha. Só pode ser falta de assunto.

Sem dúvida, Neymar é um dos maiores talentos desperdiçados do futebol

brasileiro e mundial. Ele é um craque, com um incrível repertório na cartola, mas que se frustrou por única e exclusiva responsabilidade dele.

Logo no início de carreira, depois de o técnico Dorival Júnior indicar outro atleta para cobrar um pênalti, na partida do Santos contra o Atlético de Goiás, Neymar, aos 18 anos, deu um chilique. Na ocasião, o técnico Renê Simões advertiu: era preciso impor limites senão o craque promissor se tornaria “um monstro incontrolável”.

Eu não diria que Neymar se tornou um “monstro”, mas que viveu em uma bolha de alienação, dos mimos e da bajulação, que o infantilizaram e impediram o amadurecimento do craque. Embora ostente números respeitáveis ao jogar pela Seleção Brasileira, Neymar ficou muito aquém do que poderia ser. Ele chegou a brilhar no futebol europeu

nos tempos do Barcelona em que formava um ataque fulminante e letal ao lado de Messi e de Luis Soares.

E foi o período mais cintilante precisamente porque havia a liderança de Busquet, de Iniesta e de Xavi para frear os desatinos e canalizar o talento de Neymar no sentido de que colocasse a individualidade a serviço do coletivo. Mas Neymar, tontamente, deixou o Barça e se transferiu para o PSG com o sonho de ganhar a bola de ouro de melhor jogador do mundo. Realmente, no Barcelona, ele chegou próximo do intento e só não faturou o prêmio porque Messi e Cristiano Ronaldo estavam em plena forma.

No entanto, de 2017 para cá, desde que passou a jogar no PSG, Neymar viveu uma situação de descensão contínua, com uma série de contusões que lhe retiraram o papel de protagonista. Mas é

preciso ressaltar que ele também colaborou com esses períodos de inatividade. Primeiro, porque segurava, excessivamente, a bola e chamava o choque ou a falta violenta. E, em segundo lugar, porque, quando se machucava, não se cuidava, ia para a balada e isso foi fatal para a sua decadência em um futebol cada vez mais intenso a exigir performances de atleta.

Hoje, infelizmente, Neymar não consegue ser titular sequer do Santos. Como é que vai jogar pela Seleção? Vive de lampejos, não acompanhou a evolução do futebol, não concebe o futebol como esporte coletivo, quer resolver tudo sozinho, perde a bola numa área perigosa, que, muitas vezes, propicia contra-ataques. Neymar é Neymar Futebol Clube.

Além disso, pelo vazio de valores, Neymar exerceu (e exerce) uma influência

nociva a, pelo menos, duas gerações de jogadores brasileiros. Ele é o líder da modalidade laranja-podre, contamina os outros com valores negativos do egocentrismo, do narcisismo, da infantilidade, da alienação e da irresponsabilidade.

O que justifica a crítica de Glauber Rocha de que a maioria dos jogadores brasileiros tinha um bola de capotão número 5 na cabeça: se furasse, só saía vento. Portanto, nem pensar em Neymar na Seleção; ele que se responsabilize pelas escolhas que fez. A recente agressão covarde de Neymar a Robinho Jr. no Santos mostra que ele não aprendeu nada com os erros, não pode ser líder de ninguém e não merece mais nenhuma chance na Seleção. Eu acho triste esse fim melancólico de carreira, mas é resultado das escolhas de Neymar, que não apenas erra, reiteradamente, mas insiste no erro.